

índios brasileiros

CORRISO DE PERNAMBUCO

190 2º

CADERNO

Recife, quinta-feira, 31 de julho de 1980

Funai tenta pacificar a nação caiapó

POSTO INDIGENA DO GOROTIRE, Pará — O presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, fez ontem uma visita de inspeção a esta aldeia, com o objetivo principal de convencer a população indígena a conviver em paz com centenas de garimpeiros que invadiram as suas terras, de onde retiram uma quantidade ainda não calculada de ouro.

O que mais motivou a vinda do presidente da Funai à região dos Gorotire (um dos subgrupos da nação Caiapó) foi o fato de que recentemente os guerreiros indígenas trataram de expulsar à força uma horda de batedores. A Funai teve notícia de que aproximadamente 200 garimpeiros foram postos para fora das reservas, mas alguns índios que participaram da escaramuça garantem que eram pelo menos 300 os brancos que catavam ouro em seus rios.

Durante a viagem, o presidente da Funai informou que pretendia ouvir a opinião dos índios sobre a garimpagem dos velos de aluvião descobertos em seu território. O coronel Nobre da Veiga revelou que o seu desejo era permitir a mineração do ouro nas terras dos Gorotire, mas de forma regularizada e controlada pelos órgãos competentes. Quería, no entanto, voltar a Brasília com um parecer dos índios. Segundo afirmou, "não queria impor uma ordem, mas fazer prevalecer o desejo da população indígena".

INTRUSOS, FORA

Aos jornalistas, os chefes indígenas disseram que não querem a presença de intrusos em suas terras, que já foram delimitadas, mas a demarcação ficou só no começo. A firma que ganhou a concorrência para a empreitada falhou e as fronteiras caiapós continuam abertas. O ponto de vista dos caciques é compartilhado pelo chefe do Posto Indígena, Benigno Pessoa Marques, e pelos integrantes da Missão Cristã Evangélica do Brasil. Os caiapós, segundo depoimento dos seus tutores, são bastante pacatos, mas de vez em quando se pintam para a guerra e enxotam para longe de seus domínios os invasores. A convivência de quase um século com os brancos lhes ensinou uma coisa, conforme eles mesmo relatam:

— O intruso chega para o garimpo, depois monta casa, planta roça e quer ficar em terra do índio.

Foi o zelo pelo território que os levou recentemente a acabar com três fazendas que prosperavam dentro da reserva.

NA "CASA DO GUERREIRO"

A conversa entre os homens de Gorotire e o presidente da Funai ocorreu na "Casa do Guerreiro", uma espécie de Foro primitivo de decisões importantes, onde o cacique expõe os planos e os seus liderados os aceitam ou não.

A "Casa do Guerreiro" — onde mulheres não entram — está situada no centro da aldeia. Trata-se de um bar,

ração enorme e sem qualquer mobiliário. Os convidados sentam-se sobre folhas de coqueiros e ouvem as propostas do chefe.

A chegada do coronel Nobre da Veiga ao órgão deliberativo dos Gorotire, o cacique Kanhonc tocou demoradamente um chocalho e fez uma breve saudação, que ia sendo traduzida por um missionário protestante. Em seguida, o presidente da Funai e o delegado regional da entidade, Paulo César Abreu, anunciaram que este ano serão aplicados Cr\$ 2 milhões naquela aldeia, onde vivem cerca de 500 índios. A população de Gorotire está reivindicando basicamente quatro coisas: água encanada, construção de mais um escola, gerador de eletricidade, e reforma de um barco que os leva anualmente pelo rio Araguaia até os centros consumidores — Marabá é o principal — para a venda da colita de castanha-do-pará. O presidente da Funai fez questão de esclarecer que não estava fazendo uma simples promessa, já que a verba mencionada está garantida. Ao final da confabulação, houve um regozijo geral, entre abraços de confraternização. O problema dos garimpeiros não foi, porém, tocado nessa oportunidade.

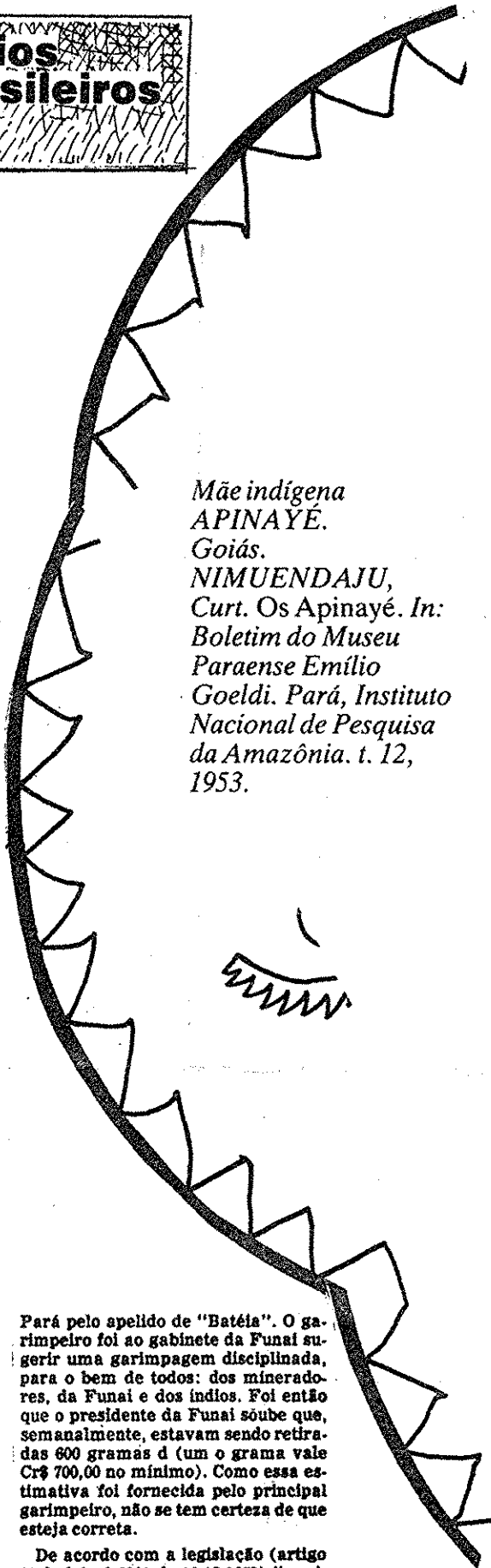
PLANOS DA FUNAI

Após concluir a sua visita ao Posto Indígena de Gorotire, o presidente da Funai anunciou os seus planos com relação ao garimpo de ouro na reserva caiapó.

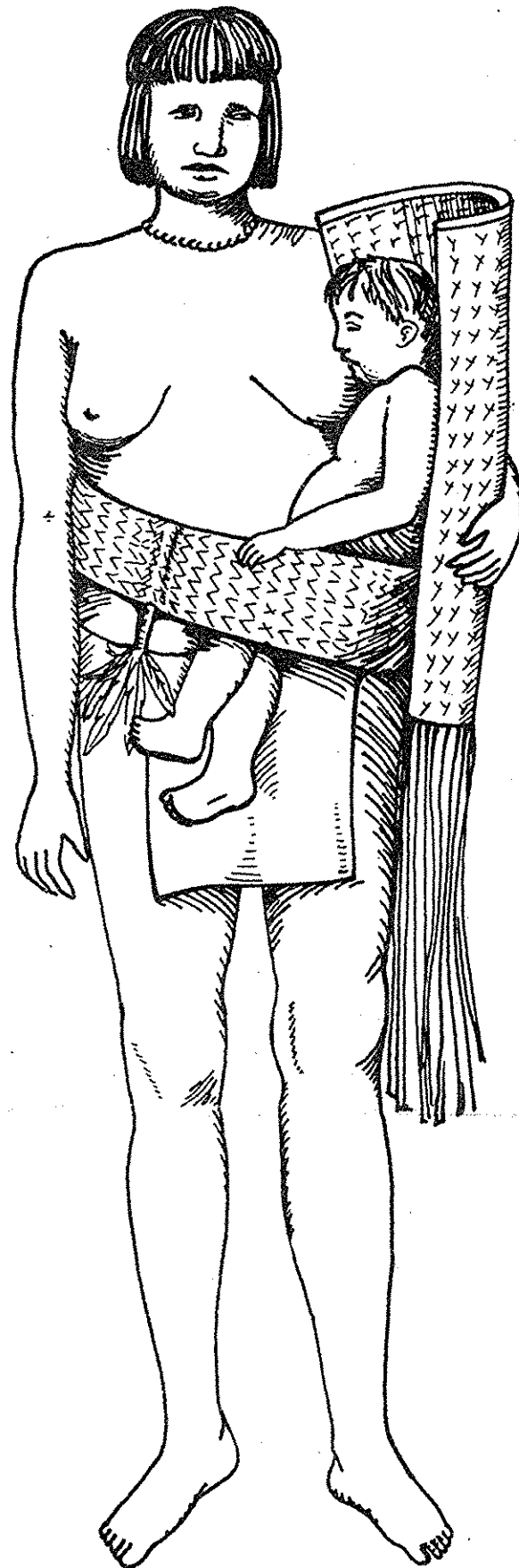
A primeira idéia é trazer para o lugar um grupo de índios da tribo Mundurucu (de linhagem tupi) e que vive próximo à região da Serra dos Graúaus, onde fica o território caiapó. Os mundurucu são garimpeiros e poderiam ensinar a arte aos gorotires. A segunda idéia é permitir que os "brancos" continuem no garimpo, mas sob a fiscalização da Polícia Federal. O ouro extraído seria comprado pela Docageo (empresa mineradora onde o próprio presidente da Funai trabalhou) e revendido à Caixa Econômica Federal. Tudo de acordo com a lei, inclusive o pagamento dos impostos que reverteriam em benefício da população indígena.

O presidente da Funai parece estar inclinado a pôr em prática o segundo plano, muito embora tenha encarregado o chefe da Delegacia Regional da Funai, sediada em Belém, para estudar melhor o assunto. O coronel Nobre da Veiga acredita que uma exploração nos moldes da que vem sendo posta em prática na região de Serra Pelada seria o ideal.

Essa idéia, no entanto, não partiu só do presidente da Funai. Após os caiapós terem expulsos os garimpeiros — vindos em sua maioria de Conceição do Araguaia e Marabá — o coronel Nobre da Veiga foi procurado, em Brasília, pelo próprio organizador da mineração no território indígena, que se chama Fernando e é conhecido no



Mãe indígena APINAYÉ. Goiás. NIMUENDAJU, Curt. Os Apinayé. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Pará, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. t. 12, 1953.



Pará pelo apelido de "Batéia". O garimpeiro foi ao gabinete da Funai sugerir uma garimpagem disciplinada, para o bem de todos: dos mineradores, da Funai e dos índios. Foi então que o presidente da Funai soube que, semanalmente, estavam sendo retiradas 600 gramas d (um o grama vale Cr\$ 700,00 no mínimo). Como essa estimativa foi fornecida pelo principal garimpeiro, não se tem certeza de que esteja correta.

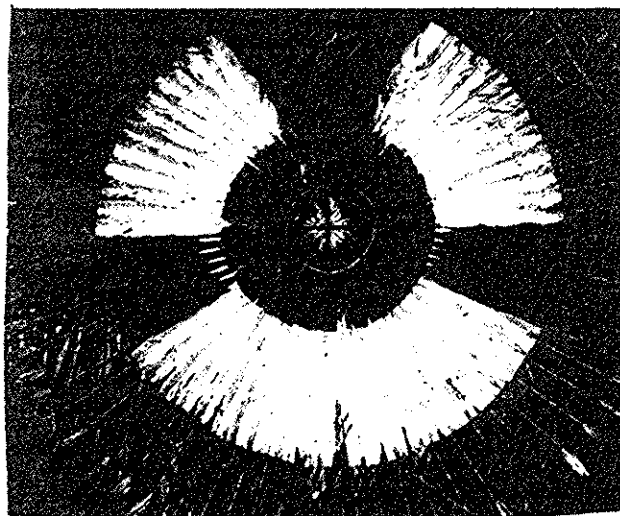
De acordo com a legislação (artigo 44 da lei nº 6001 de 19.12.1973) "as riquezas do solo, nas áreas indígenas, somente pelos silvícolas podem ser exploradas, cabendo-lhes com exclusividade o exercício da garimpagem, falsificação e catadas áreas referidas".

Segundo o coronel Nobre da Veiga, seria ideal que os próprios indígenas explorassem o ouro descoberto em suas terras. O problema é que eles não sabem garimpar.

NACÃO ORGANIZADA

Os grupos caiapó — gorotire, kokraimoro e kuben-kran-kein — constituem um dos mais organizados aldeamentos do país. São diligentes e ordeiros e o bem-estar atual das tribos pode ser medido por um dos principais indicadores: a numerosa prole. Por tradição, as mulheres provocam aborto quando as coisas não vão bem.

No passado os caiapós estiveram à beira da extinção, mas agora são mais de mil, o que significa que a população tem crescido muito, embora esteja longe de atingir os 2.500 que somavam quando foram "pacificados" pelos frades da Missão Dominicana Francesa, em 1882.



Objetos recebidos de civilizados não fazem parte desse sistema de comércio praticado pelos índios xinguanos.